



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

COLOSSO DE PEDRALVA CONHECIDO PELA DESIGNAÇÃO LOCAL DE "O HOMEM DE PEDRA".

CARDOSO, Mário

Ano: 1928 | Número: 38

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Colosso de Pedralva conhecido pela designação local de "o homem de pedra". *Revista de Guimarães*, 38 (3-4) Jul.-Dez. 1928, p. 197-204

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Colosso de Pedralva, conhecido pela designação local de “O homem de pedra,, (1)

Por 1876, quando Martins Sarmiento andava inteiramente absorvido na faina das suas descobertas arqueológicas e dera um descanso aos livros para empunhar a picareta do explorador, abandonando o gabinete de estudo, pelo estudo imediato, a céu aberto, não aparecia por esta redondeza recanto suspeito de velharias que êle não corresse lá, sem demora, inquirindo, investigando, deduzindo e recolhendo. Raras vezes voltava a casa sem uma nova aquisição: agora um machado de pedra, logo um fragmento cerâmico, a peça corroída de uma fíbula, uma pedra ornamentada, uma inscrição inédita, uma roda de mó, um conto de mours encantadas, uma lenda, uma tradição vaga, um indício apenas que fôsse, tudo êle arrecadava com interêsse, catalogava cuidadosamente, e comentava, por fim, nos seus cadernos manuscritos. Assim ia cimentando um sólido alicerce com estes notáveis *Materiais de Arqueologia*.

A região de Entre-Douro-e-Minho pode dizer-se que a conhecia a palmo, porque foi o terreno predilecto das suas longas excursões, especialmente a zona do litoral. Mais perto de casa, o campo das suas frequentes digressões arqueológicas foi todo êsse formoso conjunto de pequenas elevações que marcam e separam os verdejantes vales do Ave e do Vizela, e cir-

(1) Este artigo faz parte de um estudo mais vasto, a publicar, abrangendo vários — *Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento*.

cundam os castros de Sabroso e Citânia, fulcro das suas proveitosas jornadas. Particularmente a região abraçada pelas estradas de Taipas-Póvoa de Lanhoso-Braga-Taipas mereceu-lhe especial estudo, não havendo, no interior dêste circuito, outeiro ou cabeço alcantilado e pedregoso que os seus pés não tivessem pisado. Pioneiro incansável, sentia o tempo fugindo célere e a vida tornar-se curta para a realização de uma Obra tão vasta, que muitas vidas não chegariam para a levar a cabo! Mas nem por isso desanimava, lastimando-se, contudo, por não possuir as maravilhosas «botas de 7 legoas e um alvião tão bom como ellas» (Rev. de Guim. — vol. XXXVI — p. 149), que lhe permitissem desvendar aos olhos de todos as inúmeras riquezas arqueológicas que a terra guardava, num segrêdo milenário, e o seu exame arguto de vidente presentia.

Na febre do estudo, que visava sempre o ponto fundamental das nossas origens étnicas, chegou a interessar e a prender com entusiasmo a atenção de pessoas que, apesar de mais ou menos cultas, nunca tinham reparado, com olhos de ver, em qualquer dessas velharias, aparentemente insignificantes. Muitos dêses iniciados constituíram, depois, para Martins Sarmento preciosos colaboradores, uma vez inoculados do *virus arqueológico*. Um dêstes solícitos e ignorados informadores, a quem Sarmento freqüentes vezes se refere nos seus manuscritos inéditos, foi o Padre António, sobrinho de um prestimoso sócio da Soc. M. S. — o Padre Manuel Duarte de Macedo, abade de Pedralva, falecido em 1898 (Rev. de Guim. — vol. XV — p. 133). Naquele ano de 76 recebia Sarmento, por bôca do referido P. António, a curiosa notícia de que no Monte dos Picos, freguesia de Pedralva, e num sítio chamado a Chã do Ferrujal, perto da Quinta das Eiras, a poente do alto de Pena-Província ⁽¹⁾ — aproximadamente a meia distância entre a Igreja de Pedralva e o lugar de Carvalho d'Este, que fica na estrada Póvoa de Lanhoso-Braga —, existia uma estátua colossal, de pedra, cortada pela cintura,

(1) *Pena* tem aqui a significação de *penha*, rocha, penhasco.

representando um homem nu, que o padre supunha ser "o esboço do gigante Golias" que, há muitos anos, pretenderiam levar para o Bom-Jesus do Monte. (Ms. inéd., cad. 37, p. 4).

Sarmento, após esta pitoresca informação, não tardou no local indicado, a observar a velharia, que para logo lhe causou imprevista e funda impressão, como se depreende da seguinte passagem inédita dos seus apontamentos: "*O Colosso em vez de me causar um desapontamento, causou-me uma verdadeira surpresa, a ponto de se me metter logo na cabeça a ideia de o adquirir. Fica ao pé d'uma viçosa deveza de carvalhos, a poente da Casa das Eiras* ⁽¹⁾ *e em monte aberto. O que decide a sua antiguidade é ter o membro viril perfeitamente desenhado! E' um Priapo?! A figura tem por base um taboleiro de 13 palmos de comprido e 5 de largo. Sobre este taboleiro está a figura sentada, com o joelho direito levantado, a perna esquerda estendida. Vista do nascente é que o membro viril, de 4 1/2 palmos, se vê, pendido para o lado e traçado sobre os testiculos (aliás, estes, mal desenhados). Extranha cousa! O Colosso era de duas peças. Da cinta para cima foi-se. Estará ainda enterrado por ali? Hei-de pedir licença para fazer algumas excavações. O peso é enorme, e provavelmente o seu sitio é aquelle. Não ha no local vestigio de penedos. E' que estão mais profundos. O Colosso está tombado. Urge tirar a limpo este grande enigma.*" (Ms. inéd., cad. 37, pág. 78).

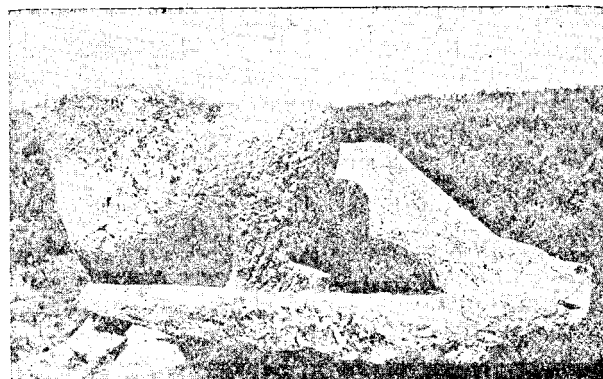
Sarmento entrara imediatamente em negociações para adquirir a semi-estátua, quando o informaram de que a parte superior, representando o busto, se encontrava a pequena distância da outra metade. Cresce o entusiasmo, Sarmento corre novamente a Pedralva, e, nesse mesmo dia, no regresso, anota com certa decepção: "*Fui hoje ver a parte superior do Colosso. Ai! Não corresponde ao resto. A cara não é nada; nem olhos; nem nariz, nem bocca. Vê-se que é apenas*

(1) A Casa das Eiras pertencia nesta data a D. Francisca Machado, da cidade de Braga; está hoje na posse do Sr. Bento José Fernandes, de Pedralva.

a)



b)



c)



O Colosso de Pedralva

a) — Parte superior; b) — Lado direito; c) — Lado esquerdo.

(Clichés de Martins Sarmento)

uma peça desbastada. O braço direito, levantado, não é nada. Está destacado do tronco, mas não tem o mínimo feitio. O esquerdo está ligado ao tronco, mas como o tronco só comprehende o peito logo abaixo do sovaco, o braço esquerdo é um simples côto. Ha uma terceira pedra d'união que forma quasi todo o peito e está a calçar a peça grande. A posição pareceu-me ainda como a ageitou o esculptor." (Ms. inéd., cad. 37, pág. 80). É um pouco desapontado, acrescenta: *"Se não fosse a particularidade da obscenidade da figura, ia retractar-me acerca da sua grande antiguidade. Quem examina a côr da pedra, põe-lhe em duvida a idade; umas vezes e em certos sitios parece antiquissima, outras não. Que o desligado das pernas e do braço indica já um estado pouco bruto no artista é innegavel."* (Ms. inéd., cad. 37, pág. 80).

Apesar de tudo não desistiu de adquirir a estátua e trazê-la para o alto da Citânia ⁽¹⁾, mas devido ao seu desmedido peso, as dificuldades surgiram: *"O Felix não poudo encontrar carreiro. Um de Lamações, que traz quasi toda a pedra para o Bom-Jesus e tem arreios proprios, nem sequer fez ajuste, assim que a examinou melhor. Dei ordem ao Felix para na quarta-feira a ir comprar á Junta de Parochia até uma libra, por mediação da das Eiras, e de montar depois as peças todas. Ficará propriedade minha."* (Ms. inéd., cad. 37, pág. 81).

Em fim de Setembro dêste ano de 76, anotava ainda, a propósito: *Mandei comprar o Colosso á Junta de Parochia. O contracto não está feito; mas é como se estivesse. Pediam-me 15 libras por o trazerem para a Citania. Offereci metade. O meu intento é compral-o, montal-o, fotografal-o, estudal-o e, se realmente for antigo, traze-lo por todo o preço. Para o ano fallaremos.*

Pena-Provincia: *Um dos carreteiros que queria justar o transporte do Colosso e para isso veio ter comigo á Citania deu-me outra versão da procedencia do monstro. O Colosso viria de Pena-Provincia, mas os transportadores naufragaram ali, indo caminho de Tibães. Que é Pena-Provincia? É um monte alcan-*

(1) Nesta data ainda não existia o Museu de Guimarães.

tilado, que fica entre as Eiras e Lanhoso e que já me namorou quando andei pelos Picos. Pois bem: ahí ha vestigios de casas; houve ahí uma cidade de Mouros. Hein? E não poder lá ir desta vez!» (Ms. inéd., cad. 37, pág. 84).

Depois... a atenção do Arqueólogo prende-se a novas e diversas pesquisas, e o Colosso ficou alguns anos esquecido. Várias vezes, nos seus apontamentos, Sarmiento nos fala ainda nos terrenos circunjacentes ao local onde foi encontrado o monstro, como Pena-Provincia, Monte dos Picos, etc., que revelavam indícios da primitiva existência de castros ⁽¹⁾. Porém, pròpriamente do Colosso só mais tarde, nos seus cadernos de 1880 e do fim de 1893, volta a falar-nos. Primeiro dá-nos as suas dimensões: **«Colosso de Pedralva (Medidas).** — *Comprimento da peanha — 2,22 m; diametro maior da barriga — 1 m; diametro menor da barriga — 0,92; altura do assento — 1,10 m; femur da perna dobrada — 0,90; tibia da perna dobrada — 0,95; pé — 0,50; o outro pé — 0,73; membro v. — 0,95; largura — 0,15; largura do pé — 0,40; altura da cara — 1 m; largura da cara — 0,60; largura d'hombros — 1,65; braço estendido — 1,15; largura delle — 0,55; altura da cabeça (por traz) — 1,40; altura das costas — 0,85; coroa da cabeça — 0,60.*» (Ms. inéd., cad. 41, pág. 21). E, já em 1893, anota: **«O homem de pedra.** — *A sapata do «homem de pedra», de Pedralva, foi cortada com a maior sem-cerimonia pelo pedreiro Miguel Bonito, de Braga, que viu nella uma boa soleira. Remendou-se a cousa como se poude; juntaram-se as duas partes separadas da estatua e lá está ella hoje n'um terreno cedido pela dona da Casa das Eiras, e propriedade da Sociedade, á qual a junta de parochia a cedeu. Trabalharam na remoção do Colosso 7 juntas de bois, e a despesa de tudo importou em 16\$120. Na parte superior da estatua foi supprimida a rodella, em que ella assentava. Diz o Padre Manoel que ella de certo já tinha sido cortada,*

(1) Vide na *Rev. de Guim.*, vol. XIII, pág. 121, artigo do P.º Manuel Duarte de Macedo, «*Alguns apontamentos archeologicos relativos ás duas freguezias de Sobreposta e Pedralva.*»

na primitiva, para ser ajustada á inferior, com as proporções devidas. E' possível e provavel. Uma terceira peça só se explicaria por erro, para menos, nas proporções — grosseira emenda. A peça superior é mais grossa que a inferior: estava apenas esboçada — não admira.» (Ms. inéd., cad. 44, pág. 47).

O entusiasmo da aquisição quebrantou, por certo pela dificuldade em arrastar o Colosso dali para fora. Uma vez cedida a estátua pela Junta de de Paróquia de Pedralva ⁽¹⁾, ficou sendo êste notabilíssimo monumento arqueológico pertença da Soc. M. S. ⁽²⁾. Para melhor segurança e resguardo da estátua, visto não haver carreteiro que dali se aventurasse a removê-la para mais longe, Sarmento comprou, também para a Sociedade, em 23-6-92, à proprietária da Casa das Eiras, D. Francisca Machado, um tracto de terreno de 12 metros quadrados ⁽³⁾, situado na Bouça-Velha, onde actualmente se encontra êste curioso monumento.

Efectuámos, há pouco, ali uma visita. Um pobre velhote guiou-nos fàcilmente por aqueles ermos até ao chamado «homem de pedra». E' de uma grandeza absolutamente inesperada! Avistámo-lo, de longe ainda, junto a um pequeno muro de alvenaria de vedação da bouça. Mãos vandálicas conseguiram tombá-lo sôbre o lado direito, mas, felizmente, encontra-se intacto e como no-lo mostram as fotografias que nos deixou Sarmento (hoje em posse da Soc.) e aqui inserimos.

Urge que a Sociedade Martins Sarmento, a não ter possibilidade de mandar transportar até ao seu

⁽¹⁾ Cf. Actas das Sessões da Direcção da Soc. M. S., de 15-6-92 e 3-8-92, na *Rev. de Guim.* — vol. 9 — p. 181 e 230.

⁽²⁾ Ao abrigo da Lei de 21-6-1889 («Diário do Gov.» n.º 146 de 4-7-89), votada ainda devido aos esforços de Sarmento, a qual permite às «sociedades scientificas, literárias ou tendo por fim desenvolver qualquer ramo de instrução pública, adquirir e conservar, independentemente de licença do Governó, quaisquer bens imobiliários, consistindo em edificios com carácter de monumentos históricos, ruínas, inscrições, dolmens, e terrenos próprios para explorações archeológicas».

⁽³⁾ 4 m. de comprimento por 3 m. de largo, conforme reza o documento de venda, arquivado na Soc. M. S.

Museu tão importante monumento, ligado talvez ao culto fálico ou à superstição da virtude procreadora de certas pedras, em casos de esterilidade, monumento êste desconhecido por certo de muitos arqueólogos, mande pelo menos erguê-lo novamente naquele local, juntando as partes em que está fraccionado, e resguardá-lo sequer por um muro, pequeno que seja, atestando assim que a estátua tem um dono! Isto para a preservar um pouco mais da implacável sanha destruidora dos homens, já que a do tempo não pode ser combatida.

M. C.